

STENGERS, ISABELLE. 2015. NO TEMPO DAS CATÁSTROFES. SÃO PAULO. COSACNAIFY

Pablo Baptista Rodrigues¹⁵⁶

Em seu livro *No Tempo das Catástrofes* (CosacNaify, 2015, com tradução de Eloisa Araújo), Isabelle Stengers percorre em dezesseis capítulos o que considera a “intrusão de Gaia” na dupla história do desenvolvimento da humanidade. Uma dupla história marcada pelo progresso e desenvolvimento do capitalismo global, atrelada a uma história, também humana, porém, obscura, subterrânea e desconhecida.

Stengers nasceu em 1949 na Bélgica. Formou-se em química na Universidade Livre de Bruxelas, onde leciona Filosofia da Ciência. Em 1993 foi premiada com o Prêmio de Filosofia da Academia Francesa. O livro *No tempo das Catástrofes*, lançado em 2015, soma-se a uma série de outros títulos da autora, publicados em língua portuguesa no Brasil. É o caso de citarmos alguns dos seus livros individuais, coautorias e participações, como *Quem tem medo da ciência? Ciência e poderes* (Siciliano, 1990.); *O coração e a razão: a hipnose de Lavoisier a Lacan*, em coautoria com Leon Chertok (Jorge Zahar, 1990); *A Nova Aliança: a metamorfose da ciência* (Editora Universidade de Brasília, 1991), em coautoria com Ilya Prigogine; *Entre o tempo e a eternidade*, novamente em coautoria com Ilya Prigogine (Companhia das Letras, 1992); *Lembra-te que não sou Medeia* (Pazulin, 2000); *A invenção das Ciências Modernas* (Editora 34, 2002); *O Fim das Certezas: tempo, caos e as leis da Natureza*, novamente em coautoria com Ilya Prigogine (UNESP, 2011).

Em *No Tempo das Catástrofes* podemos encontrar os diálogos e interesses da autora ao longo de toda sua trajetória acadêmica, como a referência a nomes importantes da cena intelectual moderna e contemporânea. A autora cita nominalmente Karl Marx, afirmando que seu trabalho mais recente é uma forma de inscrição na herança de Marx “sem precisar ser ‘marxista’” (STENGERS, 2015, p. 37). O que significa nos termos da autora reafirmar a atualidade do pensamento do autor d’O capital e assim concordar com ele sobre a invencibilidade do sistema capitalista. Ela também, expande o pensamento de Marx no que se refere a limitação de seus apontamentos ao não traduzirem o interesse humano sobre o questionamento do futuro. Stengers atribui a Gaia a possível relação com a definição do Sistema Capitalista, pois, esse sistema econômico também é tido pela autora como uma força espiritual moral e maléfica, “um poder que captura, segmenta e redefine a seu serviço, dimensões cada vez mais numerosas do que constitui nossa realidade, nossas vidas e nossas práticas”.

O diálogo com os pensadores Gaston Bachelard (1884-1962), Jacques Rancière (1940) e Bruno Latour (1947) é outra forma de exemplificar os atravessamentos teóricos da autora e das relações políticas e epistemológicas de seu trabalho. A citação direta ao trabalho *A formação do espírito científico*, de Gaston Bachelard, surge como pano de fundo a argumentação da crítica necessária ao saber científico e de como os cientistas, ao longo

¹⁵⁶ Graduado em Letras-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Teoria Literária pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura (UFRJ/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq). Atualmente é doutorando pela mesma instituição com pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES. É também professor, curador do Projeto Franz Kafka e editor-chefe na editora Desalinho Publicações. E-mail: pablrodrigues@ufrj.br.

da história da ciência no mundo ocidental, se viram muito próximos ao Estado e a afigura do Empresário.

Já ao mencionar a *Reflexão sobre o culto do moderno dos deuses fe(i)tiches* e *A esperança de Pandora*, do pensador Bruno Latour, Stengers reforça a crítica a necessidade de perseguir o mito do homem prometeico, isto é, investir contra o espírito que fortaleceu a crença do progresso e do desenvolvimento sem limites. A relação com o Ódio à democracia, de Jacques Rancière, se estabeleceu como uma bibliografia que visa reler a vida democrática, e o que parece a autora, uma espécie de criação de artifícios a possível disjunção entre a política e seus governantes.

O que nos leva a uma importante referência utilizada pela autora, que é Baruch Espinosa (1632-1677). Ao retornar ao filósofo da *Ética*, a autora busca na possibilidade do conceito de alegria espinosana o aumento de potência de agir, pensar e imaginar frente aos desdobramentos ecológicos contemporâneos. Uma alegria que não é transmitida verticalmente, mas horizontalmente. Uma espécie de imaginar em conjunto frente a sociedade individualista. Pois, atribuindo peso a coletividade a autora consegue ver uma possibilidade de resposta ao que irritou Gaia: “Tal resposta, que ela [Gaia] não ouvirá, confere à sua intrusão a força de um apelo a vidas que valem apenas ser vividas” (STENGERS, 2015, p. 123).

No “Capítulo 1” lemos a posição inicial da autora e a proposta geral do seu livro. É colocado nas primeiras páginas o problema do crescimento econômico como mote propulsor do desenvolvimento capitalista, argumentado por Stengers como base da “Catástrofe Financeira”. O mundo mudou e no cenário global permanecem as desigualdades sociais, aumento da poluição, envenenamento por agrotóxicos, o eminente esgotamento das fontes de energia e a diminuição do volume dos lenções freáticos. A história do mundo ocidental, se fundamenta no mito prometeico da confiança inequívoca no crescimento econômico. Destinando seu livro “àqueles que vivem em suspenso”, isto é, os “herdeiros de uma história de lutas contra o estado de guerra perpétua que o capitalismo faz reinar”, Isabelle Stengers escolhe a forma ensaística, não o dogmatismo dos sistemas filosóficos interpretativos da realidade, para expressar um dos assuntos mais relevantes na atualidade: a relação do homem com o planeta Terra.

A autora então, passa a nos fornecer conceitos importantes para a compreensão do que considera o “tempo das catástrofes”. Podemos ler no “Capítulo 2”, a distinção entre uma espécie de “Eles” e “Nós”, o que Stengers chamou de “Nossos responsáveis” e “Nós”, respectivamente. Representantes de uma suposta “boa governança”, “Nossos Responsáveis” são os principais defensores de uma política do “Crescimento econômico”, levando o mundo a crença limitante, e paralisadora, da impossibilidade de mudanças estruturais de nossa realidade. Ao “Nós”, uma espécie de coletividade idealizada, caberia a consciência de um mundo em ruínas, e o retorno a possibilidade de uma sociedade cooperadora. Podemos acreditar que neste capítulo inicia-se um esboço de uma possível intervenção ao “tempo das catástrofes”, inclusive, com a lembrança da potência da instituição “Escola” como espaço de local de auxílio as respostas das crises globais e a questão da cooperação social. Entretanto, as escolas, para a autora, não nos preparam para a cooperação, e fornece os argumentos futuros sobre a precariedade de nossa formação cultural.

No “Capítulo 3” Isabelle Stengers, nos informa sobre os Organismos Geneticamente Modificados (OGM). E exemplifica por meio dos OGMs que a liberdade de inovar, através de empresas geneticistas, como a Monsanto, nos leva a crer na inovação como uma crença de que o progresso não pode parar. Nossa resposta e posicionamento (Esse “Nós” virtual) não é apenas na cobrança e questionamento aos “Nossos responsáveis”, mas também a “intrusão de Gaia”. Isto é, nossa resposta não deve ser direcionada à Gaia e a sua intrusão na dupla história do desenvolvimento humano, e sim aos seus causadores.

Com isso, no seu “Capítulo 4”, a autora nomeia seu gesto ensaístico como a necessidade de “nomear o problema”. A questão da “nomeação do problema” diz respeito a nomear os causadores da intrusão de

Gaia. A pensadora não ambiciona com isso solucionar os impasses das crises globais, sejam elas financeiras e/ou climáticas. Vale ressaltar, que é neste capítulo que a autora explica o que considera ser “Gaia”. O que tradicionalmente fora assumido como a conexão da humanidade com o planeta, um certo pertencimento entre os seres humanos e a Terra, é tido pela filósofa não apenas, como uma forma inédita ou esquecida de transcendência. Gaia é uma espécie de ser desprovido das qualidades que permitiriam invocá-la como árbitro das catástrofes humana. Portanto, lidar com a intrusão de Gaia, não diz respeito a lidar com uma natureza selvagem, frágil e que deve ser protegida.

A brutalidade de Gaia, revela nos no “Capítulo Cinco”, diz respeito a uma resposta à altura daquilo que a provocou. Recorrendo a Karl Marx, a autora explicita a questão do Capitalismo, do Tempo e da Barbárie. Ela atualiza Marx no que diz respeito as teorias econômicas referentes ao modo transcendental de ação do capitalismo: poder de tipo espiritual maléfico, poder de captura, poder de segmentação, redefinindo a seu serviço, as dimensões cada vez mais numerosas do que constituem nossa realidade. Entretanto, não apenas as críticas recaem ao sistema capitalista, bem como a produção científica como um todo. Pois, a ideia de progresso sustentada pela Ciência é uma versão épica do materialismo. Para autora deve-se procurar abandonar a herança de nossa formação baseada na ideia de progresso das ciências e da técnica.

Ao criticar nosso processo de formação (haja vista a importância do papel da “Escola”, anteriormente citado) a autora no “Capítulo 6” alerta como somos levados a crer no crescimento e desenvolvimento a todo custo. Para ela, isso deve ser revisto, pois, o projeto de desenvolvimento global, é um projeto de destruição global. Exemplifica o papel de empresas como a Monsanto na intrusão de Gaia revelando um terceiro agente, os Empresários. Desse modo, somos apresentados a três possíveis protagonistas causadores da intrusão de Gaia: O Estado (“Nosso Responsáveis”), A Ciência (a ciência se estabelece no mito do progresso da técnica) e por fim, o “Empresário”, no qual a autora define da seguinte forma: “Essa figura é o Empresário, aquele para quem tudo é oportunidade – ou, antes, *que exige a liberdade de poder transformar tudo em oportunidade* – para um novo lucro, inclusive o que põe em xeque o futuro comum” (STENGERS, 2015, p. 47-49, grifo da autora).

Se no “Capítulo 5” a autora aponta a questão do “Direito de não ter cuidado”, é no “Capítulo 7” que ela nos explicará a “Política do Cuidado”. O não ter cuidado é o argumento que a ciência utiliza para o desenvolvimento do fazer científico. O “Não está provado” torna-se um conceito impeditivo a uma postura objetiva e mais racional. A “Arte de Ter cuidado” é defendida então pela autora como uma forma correspondente ao “Não está provado” utilizado muitas vezes pela ciência. É posta aqui uma dúvida sobre o especialista e sua associação com o Empresário e o Estado.

Em seu oitavo capítulo, Stengers sugere que o Estado serve ao Capitalismo, protegendo seus interesses, até mesmo na criação de interesses capitalistas, o que no final é posto como os interesses do Estado. A cooperação Estado e Empresa e Capitalismo não pode ser visto de forma desinteressada, mas de acordo com a história do surgimento de novas formas de obtenção de capital. A atual fase do sistema capitalista é definida pela autora como “Capitalismo Cognitivo”, pois, diz respeito ao conhecimento humano como forma de obtenção de lucro, ao invés da exploração da força de trabalho.

É no “Capítulo 9” que Isabelle Stengers afirma como a Ciência se construiu para fundamentar as ações do Mercado na possibilidade do homem não mais dominar a matéria em si, mas os átomos. Nesse capítulo ela retoma a ideia da “Arte do Cuidado” e do pensamento coletivo como forma de responder aos causadores da “intrusão de Gaia”. A ciência opera num fechar sobre si mesma. Faltando com lucidez diante das causas coletivas.

No décimo capítulo a professora lança mão de um conceito importante para sua argumentação, a ideia de “phármakon”. O termo é grego, e hoje é traduzido com remédio. Todavia, é tomado pela autora como algo que não é necessariamente para matar e viver, é uma resposta que dependendo da dose pode ser letal. Não se sabe das possíveis soluções a intrusão de Gaia e a perturbação das temporalidades. Aqui

ela nos convida a um tempo da “Arte Farmacológica”. Revezar entre o “Tempo da Luta” e o “Tempo da Criação”. E assim, elaboramos a “Arte do Cuidado”.

No “Capítulo Onze” a autora atribui ao ato de nomear uma espécie de “phármakon”. Pois, nomear é uma forma de forçar o pensamento. Dissolvendo as ilusões que nos cercam a escritora afirma: “Também nesse caso, vamos nomear, para forçar a pensar. Em nosso mundo dito moderno, uma vez que o herói se torna destruidor das ilusões que travam o processo de emancipação da humanidade, o gênero épico pode ter como consequência o poder dado ao que chamarei de tolice.”

No “Capítulo 12” a autora aproxima a responsabilidade de “Nossos responsáveis”, aqueles que devem responder por “Nós”, ao que considerou o “Poder Pastoral”. Entretanto, ressalva, que diante da intrusão de Gaia, o “Poder Pastoral” não diz respeito a nos guiar a um rumo dado. Acusa os “pastores” de serem dominado pela tolice, “pois julgam o mundo em termos de tentações e seduções”. Ao chamar os “Pastores” de homens dominados pela tolice, ela coloca em prática o projeto de nomeação salientado no capítulo anterior: “Hoje me parece necessário ousar nomear a tolice que se apodera daqueles que o capitalismo faz assumirem a responsabilidade de manter a ordem pública” (STENGERS, 2015, p. 92). E assim, explica por meio da nomeação “a tolice”, forma anestesiadora da ação. A “Tolice” anestesia aqueles de quem se apodera, os impede de se deixar afetar.

Ao longo do “Capítulo 13”, podemos ver a autora ensaiando uma possibilidade de resposta aos causadores da intrusão de Gaia. Como afirmamos inicialmente, não há a proposição de ação sistemática, mas sim a nomeação da catástrofe e com isso a possibilidade de reflexão. Com isso, compreende-se o retorno da autora ao papel da “Escola” e assim evoca as respostas locais, contra o geral e consensual, como forma de alertar a si e aos nossos responsáveis. É no âmbito local, que aprenderemos a pensar e colocar a próprias questões em pauta. Contra o domínio da tolice, o pensar coletivo, o retorno a “outras histórias”, isto é, histórias como ferramenta de transformação. Isto é, a utilização coletiva de “histórias técnicas”, que nascem das “ciladas” que cada uma precisou escapar, na construção não de um modelo, mas sim de uma “experiência prática”.

“A igualdade é, também ela, um “phármakon”, que pode se tornar veneno quando associada não, a uma produção, mas a um imperativo, e a um imperativo que sempre incumbe porta-vozes privilegiados”. É com essa afirmação que Stengers, no seu décimo quarto capítulo, relaciona a responsabilidade dos líderes políticos e cidadãos, evocando inclusive, um dos nomes importantes da tradição ensaística francesa, Étienne La Boétie, em seu livro *Servidão Voluntária*. Munindo-se do movimento de La Boétie, a filósofa questiona a adesão da população em seguirem os primeiros demagogos que surgem no cenário político.

No “Capítulo Quinze” a autora afirma que intrusão de Gaia significa a necessidade de aprendermos a termos cuidado, a aceitarmos as verdades inconvenientes. Precisamos dos artifícios, pois, precisamos desesperadamente resistir ao “tristemente previsível”. Isto é, a barbárie assumida no estilo épico fundante da civilização ocidental. Aproximando-se do fim de seu livro, a autora retoma a necessidade da “nomeação”, mesmo que sua sugestão seja uma espécie de “phármakon”. Recorrendo a Rancière, ela aponta para uma espécie de disjunção com a ordem natural dos “melhores”. É estar diante do ódio a democracia.

Diante da intrusão de Gaia, talvez seja possível o uso de artifícios que aplacam não a sua intrusão, mas sim, aqueles que acreditam não ser relevante ouvi-la. A intrusão de Gaia nos fez um rebanho sem pastor. Nomear este cenário pode ser uma das atitudes precárias de transformação de nossa realidade. Ao prever possíveis críticas a suas soluções, Stengers afirma que “Cada êxito, por mais precário que seja, tem sua importância”. E assim conclui o seu projeto ensaístico em seu décimo sexto capítulo.

A atitude da nomeação pode ser entendida como esse “êxito precário”, uma criação de artifícios narrativos, no intuito político de operacionalizar o pensamento e a imaginação em prol da transformação política; ou como quer a autora, o aumento da potência de agir, a Alegria Espinosana: “A alegria é transmitida não de alguém que sabe

a alguém que é ignorante, mas de um modo em si mesmo produtor de igualdade, alegria de pensar e de imaginar juntos, com os outros, graças aos outros”. De todo modo é assim que Isabella Stengers acredita que conseguiremos abandonar a triste pose heroica do desenvolvimento ocidental e trair o que nos aprisionou.

Referências

MACHADO, Ricardo. Considerações de uma filósofa da ciência sobre o fim do mundo. No tempo das catástrofes de Isabelle Stengers. 8 nov. 2018. *Revista IHU on-line*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584423-consideracoes-de-uma-filosofa-da-ciencia-sobre-o-fim-do-mundo-no-tempo-das-catastrofes-de-isabelle-stengers>. Acesso em: 24 abr. 2020.

STENGERS, Isabelle. 2015. *No Tempo das Catástrofes*. trad. Eloisa Araújo. São Paulo: CosacNaify.

Recebido em 25/04/2020

Aceito em 16/05/2020